

A PROFUSÃO TEMÁTICA EM MIKHAIL BAKHTIN: DIALOGISMO, POLIFONIA E CARNAVALIZAÇÃO

THE THEMATIC PROFUSION IN MIKHAIL BAKHTIN: DIALOGISM, POLYPHONY AND CANIVALIZATION

Claudiana Soerensen¹

RESUMO: As obras do russo Mikhail Bakhtin tornaram-se conhecidas no ocidente nas décadas finais do século XX, apesar de terem sido escrita em seu início. A inserção dos conceitos de carnavalização, dialogismo e polifonia surgiram no Brasil, com discussão ainda branda, na década de 1980 e ganhou volume nos próximos anos, tornando-se viés teórico de grande repercussão. O intuito do presente artigo é abordar tais conceitos, de maneira rápida, instigando futuras pesquisas mais profundamente.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo, polifonia, carnavalização

ABSTRACT: The works of Russian Mikhail Bakhtin has become known in the West in the final decades of the twentieth century, despite being written in the beginning. The integration of the concepts carnivalization, dialogism and polyphony emerged in Brazil, with discussion still soft, in the 1980s and gained volume in the coming years, making it of great theoretical bias effect. The purpose of this paper is to address these concepts, quickly, instigating further research more deeply.

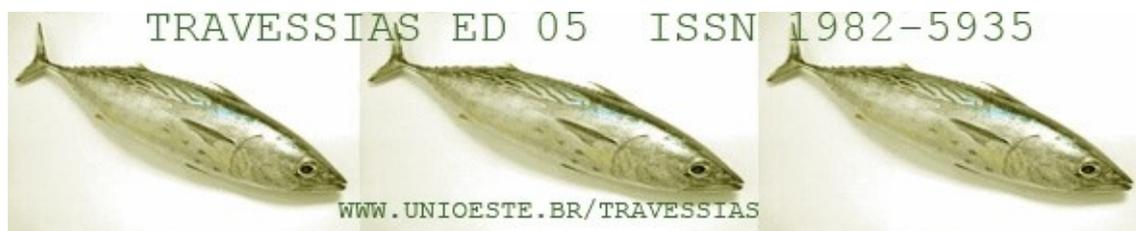
KEYWORDS: dialogism, polyphony, carnivalization

vozes a mais
vozes a menos
a máquina em nós que gera provérbios
é a mesma que faz poemas,
somas com vida própria
que podem mais que podemos
(Paulo Leminski)

Uma das obras pioneiras sobre as teorias bakhtinianas, sob a organização de Carlos Alberto Faraco, acentua a incipiência das discussões, nos idos da década de 1980, sobre as teorias do russo Mikhail Bakhtin, no Brasil.

No primeiro texto, “Bakhtin: a invasão silenciosa e a má leitura”, Faraco frisa veementemente que a profusão temática de Bakhtin tem linhas articuladoras as quais organizam a

¹ Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Especialista em História: Sociedade e Cultura Brasileira. Graduada em Letras e História. E-mail: claudianasoerensen@gmail.com



abundância teórica em um sistema unificado de pensamento. O autor pontua a diversidade da trajetória intelectual do russo, enumerando as áreas tratadas por ele, sempre enfatizando a unidade coesa das teorias bakhtinianas:

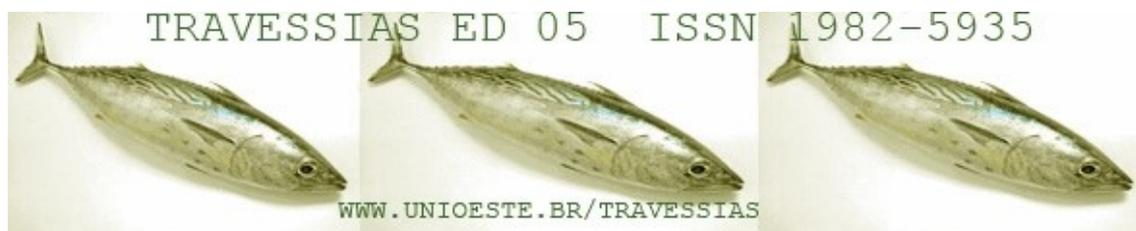
Além de expor as diferentes áreas de abrangência de Mikhail Bakhtin, Faraco (1988, p. 27) acentua a necessidade de “não perder as coordenadas dialéticas de seu pensamento: o compromisso com a totalidade, com a história, com a prevalência social, com a unidade dos contrários”. Sobre o método bakhtiniano adverte: “Não se trata de trabalhar com oposições abstratas, nem com conflitos dicotômicos; trata-se de buscar a unidade dos contrários, não pelo ecletismo, pelo relativismo ou pelo niilismo, mas pela síntese dialética” (1988, p. 30). Ao relatar a diversidade temática, a busca da totalidade e o método empreendido por Bakhtin, Faraco ressalta a constância e o entrelaçamento de sua concepção de linguagem enfatizando, sobretudo, a relação lingüístico-dialógica como destaque ao longo das pesquisas do autor.

Ainda nessa obra organizada por Faraco, o artigo de Cristovão Tezza aborda um dos elementos chaves da teoria da linguagem de Bakhtin – a palavra do outro. O autor esclarece que todo discurso não é uma obra fechada e acabada de apenas um indivíduo, mas é um processo heterogêneo, conjunção de discursos entre eu e o outro. “Nossas palavras não são ‘nossas’ apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam” (TEZZA, 1988, p. 55).

Percebe-se que a relação dialógica não acontece somente entre discursos interpessoais (seja escrito ou verbal), embora tenha se originado dentro dessa concepção; ela abarca a diversidade das práticas discursivas de maneira mais ampla e aberta. O dialogismo pode ser aplicado à relação entre as línguas, as literaturas, os gêneros, os estilos e até mesmo entre as culturas, pois todos esses itens trazem em comum a linguagem, corroborando a afirmação de Faraco em relação à busca da totalidade que norteia o pensamento bakhtiano.

É a definição de Tezza que explica a origem da palavra polifonia. Ela foi emprestada da arte musical e é entendida como “o efeito obtido pela sobreposição de várias linhas melódicas independentes, mas harmonicamente relacionadas, Bakhtin emprega-a ao analisar a obra de Dostoiévski, considerada por ele como um novo gênero romanesco – o romance polifônico” (TEZZA, 2002, p. 90). Revela-se, dessa forma, que o discurso é perpassado por outros discursos compondo as várias linhas melódicas.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski* Mikhail Mikhailovich Bakhtin mostra que a diferença do autor de *Crime e castigo* não é a variedade de personalidades, de vidas e de dramas que



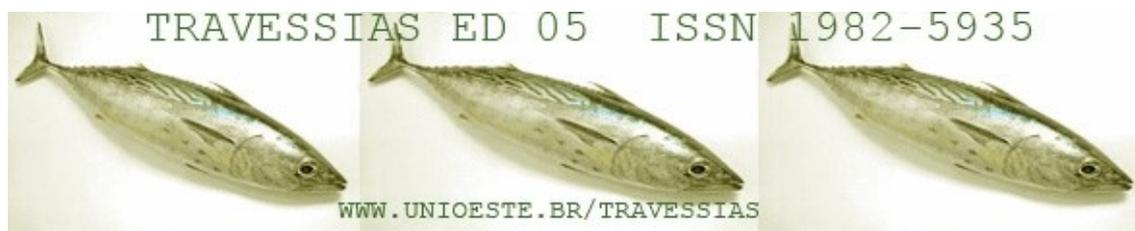
povoam seus romances, mas sim a “*multiplicidade de vozes e de consciências independentes*” (BAKHTIN, 1981, p. 02), apresentadas de tal forma que as personagens não parecem reproduzir o pensamento de um autor, mas se tornam donos de seus próprios discursos; é como se o romance contasse com vários autores, cada qual apresentando a sua visão do mundo. Por isso suas obras não são monofônicas, isto é, a expressão de um único eu que fala por meio de personagens-marionetes, mas polifônicas, ou seja, resultado da expressão de diversos indivíduos autônomos e livres em relação ao autor:

A voz do herói sobre si mesmo e o mundo é tão plena como a palavra comum do autor; não está subordinada à imagem objetificada do herói como uma de suas características, mas tampouco serve de intérprete da voz do autor. Ela possui independência excepcional na estrutura da obra, é como se soasse ao lado da palavra do autor coadunando-se de modo especial com ela e com as vozes plenivalentes de outros heróis. (BAKHTIN, 1981, p. 03)

Os textos polifônicos se caracterizam pela falta de acabamento e de solução do herói. A posição do autor em relação ao herói é dialógica, proporcionando, do início ao fim, autonomia e liberdade interna. O texto, não sendo fechado, permitirá ao leitor maior produção de sentidos – a polifonia.

Para Bakhtin, “o princípio composicional de Dostoiévski” e o elemento definidor da polifonia é “a unificação das matérias mais heterogêneas e mais incompatíveis” e a existência de “centros-consciências não reduzidos a um denominador ideológico” (BAKHTIN, 1981, p. 12). Ou seja, a polifonia é o elemento que harmoniza a diversidade de vozes independentes produzindo diferentes efeitos de sentidos repercutindo múltiplas ideologias.

A produção de sentidos gerada pela heterogeneidade discursiva – as várias vozes – concebe a monofonia ou a polifonia. O texto ou romance monofônico pode ser entendido como aqueles que possuem vários personagens, portadores de posições ideológicas independentes, mas que acabam expressando uma ideologia dominante. Dessa forma, embora nesses romances muitos personagens falem, todos eles exprimem uma cosmovisão unificada. Já no texto ou romance polifônico cada personagem tem autonomia, exprime a própria concepção, pouco importa se ela coincida ou não com a ideologia do autor da obra. A polifonia acontece quando cada personagem se manifesta com a própria voz, expressando o pensamento individual. Existindo determinado número de personagens, existirão diversas posturas ideológicas as quais



repercutirão de maneira a serem ouvidas particularmente. Sobre o embate das várias vozes ocultadas ou reveladas no texto, Diana Luz Pessoa de Barros (1994, p. 06) comenta:

Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir.

Portanto, o dialogismo constitui a linguagem e os textos, embora existam textos nos quais a diversidade de diálogos se mostra, enquanto que em outros, os monofônicos, ela se disfarça. É possível constatar que, mesmo os conceitos sendo próximos, há diferenças sensíveis entre dialogismo e polifonia. Todavia o que os relaciona é a concepção sociointeracionista da linguagem.

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin concebe a comunicação como um processo interativo, muito mais amplo do que a mera transmissão de informações. Para ele a linguagem é interação social. O sujeito, ao falar ou escrever, deixa em seu texto marcas profundas de sua sociedade, seu núcleo familiar, suas experiências, além de pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria ou não de ouvir ou ler, tendo em vista também seu contexto social.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 2004, p. 123).

No movimento de interação social os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos (e não da língua, isto é, já ideologizadas), as quais ganham significação no seu discurso interior e, ao mesmo tempo, geram as réplicas ao dizer do outro, que por sua vez vão mobilizar o discurso desse outro, e assim por diante. A noção de interação verbal via discurso é gerada pelo efeito de sentidos originado pela seqüência verbal, pela situação, pelo contexto histórico social, pelas condições de produção e também pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores. Ou seja, além dos aspectos lingüísticos as condições de produção do discurso são definitivas para compô-lo; e isso não se aplica somente à interação



verbal face a face, mas adentra o discurso romanesco. Segundo Rosse-Marye Bernardi (2001, p. 44):

O prosador (...) utiliza a palavra do outro como constituinte primordial de seu próprio universo. A palavra do outro, saturada de conteúdo e acentuada como enunciação individual (mas preenche das tendências descentralizadoras da vida lingüística), penetra no discurso romanesco não apenas portadora de marcas semânticas, sintáticas e estilísticas próprias, mas enquanto uma opinião concreta, uma visão de mundo que se contrapõe, no texto, às outras visões de mundo, representadas ou não.

A exposição de Bernardi reitera a afirmação de que o dialogismo e a polifonia permeiam tanto a oralidade quanto à escrita por ambas serem interações sociais. Nessa dimensão social, o discurso é marcado pelo dialogismo, pela preocupação com o outro, aquele com quem o sujeito interage diretamente no processo de interlocução e indiretamente por meio da polifonia. Dialógico porque se concebe num espaço de interação com o outro e se constrói por meio dessa mesma interação de acordo com os interesses do locutor e das imagens que este faz do interlocutor ou supõe que este faz dele. Polifônico porque, apesar de proferido por um sujeito específico, é perpassado por outras vozes, outras visões de mundo.

Recuperando, então, a concepção de linguagem bakhtiniana – entendida como processo de interação social – fundamenta-se três princípios essenciais:

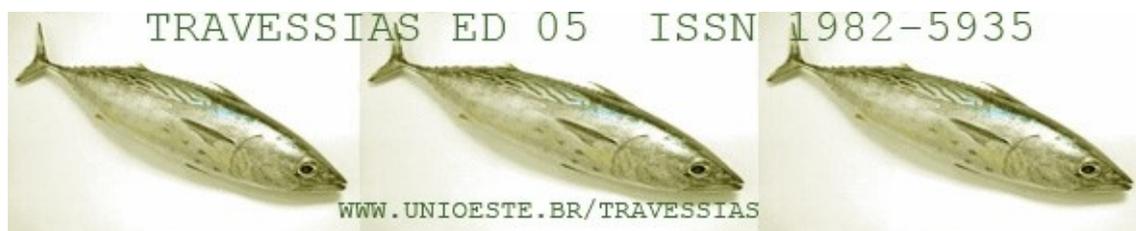
a) Diálogo com o outro: relaciona-se à idéia de sujeito social, histórica e ideologicamente situado, que se constitui na interação com o outro.²

b) A unidade das diferenças: noção de que a linguagem é heterogênea e, por isso, marcada pela presença do outro. Nesse caso, esta heterogeneidade é marcada de forma sutil pelo locutor, que fará com que o texto adquira uma determinada unidade, seja pela harmonia das vozes (polifonia) ou pelo apagamento das vozes discordantes (monofonia).

c) Discursividade – simples e complexa: essa terceira questão refere-se aos gêneros do discurso e é consequência das duas primeiras, pois sua definição pressupõe também uma concepção de linguagem assentada no princípio da interação social.

Na obra *Estética da criação verbal*, Mikhail Bakhtin (2003, p. 262) afirma que “a riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana (...)”. Porém, acentua que para haver comunicação produtiva, um texto possui

² Barros (2001) assinala duas concepções de dialogismo expressa nos escritos bakhtinianos, sendo eles: a o diálogo entre interlocutores e o diálogo entre discursos.



algumas regularidades que o circunscvem como um anúncio, um texto científico, publicitário entre outros. Essas regularidades não significam fechamento, mas condição para que haja interação, pois se a cada vez em que nos comunicássemos um novo gênero fosse composto, não haveria uma comunicação possível.

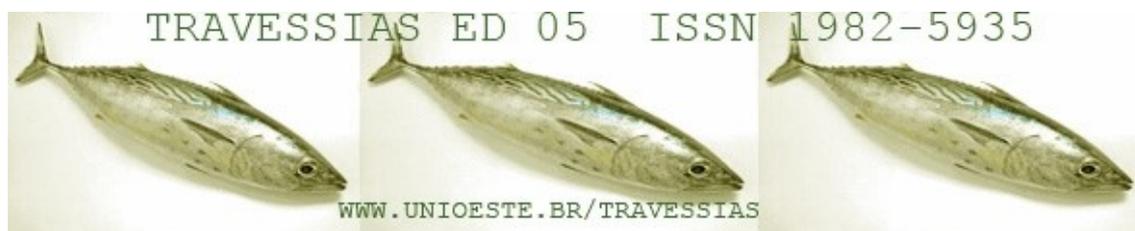
Bakhtin também distingue, de forma bem abrangente, dois tipos de gêneros do discurso: os gêneros primários (identificados pelo autor pelo adjetivo “simples”) são aqueles constituídos nas circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (réplica do diálogo cotidiano ou a carta, por exemplo) e os gêneros secundários (qualificados como complexos) são aqueles que “surtem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc.” (BAKHTIN, 2003, p. 263)

Para Bakhtin, os gêneros secundários (romance, teatro, discurso científico, discurso jornalístico etc.), que se constroem em circunstâncias complexas de comunicação, absorvem e modificam, durante o processo de sua formação, os gêneros primários. É, portanto, o diálogo, que se instaura desde o início, também nos gêneros secundários.

As palavras por si só são neutras, elas somente adquirem expressividade no interior do discurso, pois, ao serem selecionadas em função das especificidades de um gênero, recebem expressividade determinada, típica, própria deste gênero. A expressividade da palavra não pertence à própria palavra, ela se materializa no enunciado, atualizando-se no seu contato com a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real de discurso.

(...) pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia* dos outros cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada em minha expressão. (BAKHTIN, 2003, p. 294)

Palavras, obras, enunciados refletem as tradições de cada época, de cada esfera da vida e da realidade. A experiência verbal – discurso – individual do homem toma forma e evolui na interação com os enunciados individuais do outro. A expressão das palavras dos outros é assimilada, reestruturada, modificada pelo outro. Como elos na cadeia de comunicação verbal, os enunciados conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente, são reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal. Essa expressividade, embora varie de



intensidade em função das diversas esferas de comunicação, está presente em todos os gêneros, pois um enunciado totalmente neutro é impossível.

A experiência discursiva, a interação com o outro, compõe o plurilingüismo; este, ao penetrar no romance, é submetido à elaboração literária, seguindo as especificidades dos gêneros secundários e a organização autoral. Conforme Bernardi (2001, p. 44-45)

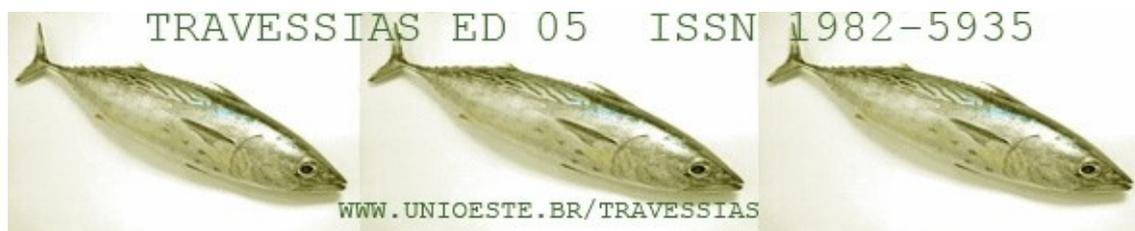
Assim todas as vozes que se fazem ouvir no discurso romanesco são (ou devem ser) respeitadas enquanto vozes sociais e históricas, portadoras de posturas sócio-ideológicas que não coincidem com as do autor, mas são orquestradas por ele.

(...) o autor apropria-se das palavras de um outro, com todas as intenções sócio-ideológicas que estas palavras contém e as utiliza para atingir seus objetivos, sem manifestar-se nelas, mas servindo-se delas para refratar as suas intenções.

Observa-se que, segundo Bakhtin (1981, p. 40), a polifonia dos romances de Dostoiévski era decorrente, em boa medida, da forma como as personagens se inserem no mundo. Não importam suas características físicas, psicológicas ou sua posição social; o que é mais expressivo é o ponto de vista delas sobre a realidade que as cerca, “sua consciência e autoconsciência (...) a última palavra da personagem sobre si mesma e seu mundo”. Por isso o leitor não vê propriamente a personagem, mas sua cosmovisão e suas referências sobre si expressadas na obra da qual faz parte. A personagem se torna, então, não uma biografia, mas um ponto de vista sobre o mundo, pois incorpora o próprio dinamismo humano, reflete um determinado gênero discursivo e interage com enunciados de outros.

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras da arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem.(...)Eis porque a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. (BAKHTIN, 2003, p. 294).

Após a breve discussão fomentada no presente artigo, utilizando diferentes obras de Mikhail Bakhtin, é possível observar as conexões estabelecidas entre elas. A abundância de temas e matizes trabalhada pelo teórico russo tem linha norteadora. A concepção de linguagem sociointeracionista, na qual a linguagem se elabora mediante a interação com o outro pensando



na repercussão de cada enunciado, fundamenta a unidade teórica do pensamento bakhtiniano. Gilberto de Castro (2001, p. 97) pontua que

(...) Bakhtin não é um autor temático – a profusão temática é consequência da inquietação epistemológica causada pela sua concepção de linguagem e não motivo primeiro de suas pesquisas-, mas antes e, acima de tudo, é um filósofo/epistemólogo que, ao olhar pela janela da interação sociolingüística, descobriu alguns segredos do mundo.

Para Castro, ao iniciar a leitura de Bakhtin pelo seu trabalho sobre a cultura cômica popular da Idade Média e Renascimento, pode-se imaginar que os conceitos ali contidos são desconexos em relação ao conjunto da obra. Porém, como salienta, há de fato profusão temática em Bakhtin, mas mesmo na obra sobre Rabelais é perceptível a preocupação com a linguagem o que a integra com os outros textos bakhtinianos.

A carnavalização, por exemplo, está diretamente associada à familiaridade, à aproximação, à ruptura de hierarquias a partir do contato íntimo. Tais características só são possíveis pela utilização da linguagem rica em ambivalência, potente em força regeneradora. Assim como a visão carnavalesca, constituída pela ambigüidade e duplicidade, a palavra também tem sua essência relacionada ao duplo, como o próprio Bakhtin (2004, p. 112) propõe:

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.).

A eliminação provisória das relações hierárquicas nas festividades associadas às comemorações sagradas (com até três meses de duração) produziu o aparecimento de uma linguagem carnavalesca típica. Havia ductilidade lingüística nas celebrações carnavalescas; as obscenidades, injúrias, louvores, grosserias, falas ousadas permeadas de liberdade e inovações rompiam com a estratificação social, reelaborando noções de convivência e inovando a cosmovisão. “É perfeitamente compreensível que essa linguagem livre e ousada tenha dado por sua vez o *conteúdo positivo mais rico* às novas concepções do mundo.” (BAKHTIN, 1999, p. 235). A preocupação bakhtiniana com a linguagem e a busca da totalidade faz o teórico mergulhar profundamente para embasar suas pesquisas e concepções.



Com a finalidade de explicar as obras rabelaisianas Bakhtin estuda todo o sistema de vocábulos que acompanham e sustentam as ambivalências da cosmovisão carnavalesca medieval e renascentista. São termos do mundo não-oficial que contaminam os ambientes e as situações com a lógica ambígua; são termos de obscenidades sexuais e escatológicas, grosserias e imprecações, palavras de duplo sentido, cômico de baixo calão. Quase ao final da obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, o mestre russo sintetiza:

A palavra de dupla tonalidade permitiu ao povo que ria, e que não tinha o menor interesse em que se estabilizassem o regime existente e o quadro do mundo dominante (impostos pela verdade oficial), captar o todo do mundo em devir, a alegre relatividade de todas essas verdades limitadas de classe, o estado de não-acabamento constante do mundo, a fusão permanente da mentira e da verdade, do mal e do bem, das trevas e da claridade, da maldade e da gentileza, da morte e da vida. (BAKHTIN, 1999, p. 380)

Enfatizando a importância do texto (e por conseqüência da linguagem), a concepção de Bakhtin é de que as ciências humanas abordem o homem em sua especificidade e não como um objeto mudo ou um fenômeno natural. “O homem em sua especificidade sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, ele cria texto (ainda que potencial). Quando o homem é estudado fora do texto e independentemente deste, já não se trata de ciências humanas (mas de anatomia, de fisiologia humana etc.)” (BAKHTIN, 2003, p. 312).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (V. N. Volochínov. **Marxismo e filosofia de linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **“Dialogismo, polifonia e enunciação”**. In: _____ ; FIORIN, José Luiz (Orgs). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994. (Coleção Ensaios de Cultura)



BERNARDI, Rosse-Marye. **“Uma leitura bakhtiniana de Vastas emoções e pensamentos imperfeitos, de Rubens Fonseca”**. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

CASTRO, Gilberto de. **“Os apontamentos de Bakhtin: uma profusão temática”**. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

FARACO, Carlos Alberto. **“Bakhtin: a invasão silenciosa e a má leitura”**. In: _____ et al. *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988.

FÁVERO, Leonor Lopes. **“Paródia e dialogismo”**. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994. (Coleção Ensaio de Cultura)

STAM, Robert. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992.

TEZZA, Cristóvão. **“Discurso poético e discurso romanescos na teoria de Bakhtin”**. In: FARACO et al. *Uma introdução a Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988.

_____. **“Polifonia e ética”**. Revista *Cult* n° 59, Ano VI, julho de 2002.